"EU DANÇO PARA ME DIVERTIR E NÃO PARA DANÇAR PARA ELES": UMA ETNOGRAFIA DA SOCIABILIDADE DE LÉSBICAS E SAPATONAS EM FESTAS DE PAREDÕES

Elaine Borges Sousa [1]
Thiago Barcelos Soliva [2]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar alguns resultados de um estudo etnográfico da sociabilidade de lésbicas e sapatonas em festas de paredão em Pernambués, bairro periférico da cidade de Salvador- Ba. Partiu-se da hipótese de que lésbicas e sapatonas, que frequentam as festas de paredão, constroem ali suas subjetividades e práticas e tornam os ambientes também possíveis para a vivência de suas lesbianidades. Procurou-se compreender de que forma a festa de paredão é vivida, significada e transformada por elas. A delimitação geográfica é outro fator importante, que caracteriza a pesquisa, pois possibilitou a compreensão da intersecção de raça, gênero e sexualidade com a classe e o território. A aplicação da metodologia foi guiada por quatro seguintes etapas: a revisão bibliográfica, a observação participante nas festas de paredão, as entrevistas abertas com sapatonas que foram selecionadas a partir do método bola-de-neve e, por fim, a análise dos dados produzidos através de todas as etapas anteriores e se concretizou em uma dissertação. Sendo assim, é apresentado a cena etnográfica, tais como o bairro e os paredões e suas conexões com as lesbianidades. Embasada em produções do feminismo negro, estudos sobre lesbianidades, sociabilidades e festas de paredão, chega-se ao entendimento de que a vivência lésbica e sapatona neste espaço de sociabilidade borra os limites binários "homem/mulher", "feminino/masculino" e evidencia as artificialidades das convenções sociais de gênero e sexualidade. A vivência das lesbianidades nos paredões é uma subversão não verbalizada, porém expressa/ritmada nos movimentos corporais.

Palavras-chave: Lesbianidades, Interseccionalidade, Festas de paredão, Sociabilidade.

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, elaineborges@aluno.ufrb.edu.br;
[2] Professor orientador: Doutor Thiago Barcelos Soliva, Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, thiagosoliva@gfe.ufsb.edu.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo deriva da minha dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A pesquisa, cujo o título é "*Eu danço para me divertir e não para dançar para eles": uma etnografia da sociabilidade de lésbicas e sapatonas em festas de paredões,* investigou as dinâmicas de sociabilidade de mulheres lésbicas e sapatonas nas festas de paredão no bairro de Pernambués, na cidade de Salvador (BA). Os paredões são espaços populares onde se entrelaçam resistência, prazer e disputas simbólicas frente às normatividades de gênero, raça e sexualidade. A investigação nasceu de um interesse que foi tanto acadêmico quanto pessoal, amadurecido desde a graduação, a partir da escuta atenta e da convivência com mulheres que vivem suas lesbianidades de forma pulsante nas brechas da vida cotidiana dentro de espaços periféricos.

Nos paredões — festas marcadas por grandes estruturas de som, musicalidades como o pagodão e o funk, e uma estética periférica vibrante — observei como essas mulheres, apesar da centralidade de uma lógica heteronormativa e masculina, criam formas próprias de pertencimento e existência. Um dos casos que exemplifica esse processo de ressignificação é o de Alana Sarah, conhecida como "A Dama", artista negra e sapatona que rompe com o roteiro esperado do pagode baiano ao trazer para o centro de sua produção musical as experiências lésbicas e periféricas. Sua trajetória revela como o paredão pode ser apropriado como território simbólico de afirmação identitária e afetiva, tensionando os limites do aceitável e visível. Assim, a hipótese central da pesquisa foi de que, mesmo atravessadas por múltiplas violências — como o racismo, o sexismo e a lesbofobia —, as lésbicas e sapatonas nos paredões elaboram práticas de sociabilidade e subjetivação que tornam possível viver a lesbianidade com autonomia e agência.

As festas de paredões escolhidas como lócus da pesquisa estão situadas em Pernambués. O bairro está localizado no miolo central de Salvador, cidade que se destaca como uma das mais populosas do Brasil. Já Pernambués, chama atenção não só por tem uma população que chega a 64.983 habitantes, mas também por ser considerado um dos bairros mais negros da capital baiana, sendo 82,46% de autodeclarados negros a partir da soma de pretos e pardos (CONDER/INFORMS, 2016). E isso não é por acaso, a área foi habitada por povos trazidos da diáspora africana, sobretudo de origem Angolana e do Congo, isso no século XVII, e se constitui como bairro em 1956, a partir da retomada de terras, dos

fazendeiros, pelos quilombolas do Cabula, dando assim origem ao bairro de Pernambués. Isso contribuiu para que a formação do território tivesse ligação direta com as religiões de matriz africana e a agricultura.

O bairro é visto como muito perigoso devido a presença do tráfico de drogas, os constantes confrontos territoriais e as ações policiais. Essas coisas realmente são reais, mas necessitam de uma análise que considere os processos históricos que constituem o local. Refletindo a partir da dimensão racial e de classe, temos uma comunidade que é fruto de conquistas de povos quilombolas, um local majoritariamente negro e com a maioria da sua população em condições de baixa renda, onde existe pouco investimento em ações que provocam transformações sociais efetivas, com possibilidades reais de mudanças. Pela história do Brasil, é sistemático a negligência dos poderes públicos à população negra, sendo assim, não é novidade que o próprio Estado contribua para a manutenção do crescimento da pobreza e criminalidade nas comunidades onde concentra grande número de pessoas negras, como as regiões periféricas.

Mas essas pessoas não são somente reféns dos descasos que os alcançam, elas estão também (r)elaborando o mundo em que vivem, significando o seu próprio universo (Machado, 2002). É possível identificar isso nas festas de paredão e na vivência das lesbianidades nesse mesmo espaço. Diante tudo isso, a abordagem escolhida para o estudo foi de tipo qualitativa, adotando como principal forma de construção de dados a etnografia, compreendido aqui como *formulações teórico-etnográficas*, como propõe Mariza Peirano (2014). A pesquisa foi dividida em quatro etapas: A revisão bibliográfica, a observação participante, as entrevistas semi estruturadas e a análise dos dados produzidos e escrita da dissertação.

A primeira etapa foi a revisão bibliográfica das produções sobre lesbianidade, interseccionalidade, cultura e festas de paredões, que contribuíram no aprimoramento do projeto e me proporcionou uma reflexão crítica e mais coesa sobre a realidade de lésbicas e sapatonas periféricas, assim como serviram de base para a observação em campo. A segunda, a observação participante da sociabilidade delas nas festas de paredões. Este processo se iniciou desde março de 2023 e seguiu até o fim do curso de mestrado, em 2024. Na terceira etapa, além da observação participante, utilizei também entrevistas abertas como estratégia de produção de dados.

Foram realizados diversos diálogos, tanto presenciais quanto virtuais, durante o processo de pesquisa que me permitiram acessar as narrativas de algumas lésbicas, e principalmente de sapatonas que frequentam o paredão, elas foram selecionadas a partir do

método bola-de-neve. Foi alcançada muito mais mulheres que se identificam como sapatonas do que as que se identificam como lésbicas, todas jovens, entre 26 e 30 anos e moradoras do bairro de Pernambués. Cada uma conta com uma performance de gênero e sexualidade diferente. Enquanto uma delas tem uma aparência que foge dos padrões exigidos às mulheres, a outra dialoga diretamente com uma estética feminilizada, e a última, por sua vez, transita entre essas duas realidades, misturando ao que convencionalmente entendemos por feminilidade/masculinidade.

Por fim a quarta etapa. A análise dos dados produzidos tem como referências as experiências vividas pela pesquisadora nas festas de paredão, o diário de campo e as entrevistas, bem como foram embasadas em aportes teóricos do feminismo negro, como Lélia **Gonzales**[3], Angela **Figueiredo**, Patricia Hill **Collins**, etc, e epistemologias sapatonas, como Simone Brandão, Tanya **Saunders**, Audre **Lorde**, entre outras, se guiando principalmente por uma categoria analitica indispensavél para este estudo, a *Interseccionalidade*[4]. Esse foi o caminho percorrido que permitiu perceber como através de interações marcadas pela dança, pela música e pelo erotismo, essas festas são ressignificadas pelas lésbicas e sapatonas frequentantes e se tornam espaços de reinvenção de si, onde o corpo é vivido não apenas como alvo de controle, mas como fonte de prazer, resistência e reconstrução coletiva. Este artigo, portanto, se dedica a apresentar e analisar os principais achados da pesquisa a partir de uma perspectiva epistêmica sapatona e feminista negra, destacando as formas como essas mulheres reconfiguram o campo da cultura popular e das relações sociais nas periferias urbanas.

---

[3] Esta escrita se alinha às proposições do feminismo negro enquanto prática política de insurgência epistêmica. Sendo assim, assumo nesta escrita um compromisso que é também ético e estético: enegrecer e feminilizar a linguagem. Como propõe Angela **Figueiredo** (2020), essa é uma prática política que tensiona as formas de dizer e de existir no texto. Por isso, escolho chamar as mulheres pelo primeiro nome, como quem convoca para perto, e destacar em negrito os sobrenomes de autoras e autores negros, num gesto de visibilidade frente ao silêncio imposto pelo epistemicídio.

[4] A *interseccionalidade* é um termo que foi cunhado em 1989 no campo jurídico pela intelectual e advogada afro-estadunidense Kimberlé **Crenshaw**. Ele visa a análise de narrativas, principalmente de mulheres negras, considerando a posição de cada uma na estrutura social a partir da interação entre dois ou mais eixos da subordinação, tais como raça, gênero, classe, sexualidade, território, idade/geração, entre outros, entendendo que eles vão gerar desigualdades diferentes, porém básicas, que vão estruturar as nossas vidas (**Crenshaw**, 2002). Por isso, não utilizo lesbianidade e sim lesbianidades, isso ajuda a evidenciar a pluralidade de nossas existências.

FESTA, DESEJO E RESISTÊNCIA: ENTRE OS ACHADOS DE UMA ETNOGRAFIA SAPATONA NOS PAREDÕES

Diferente da dissertação, que se constroi como uma etnografia no sentido mais amplo — implicada, vivida e escrita a partir do corpo que foi a campo —, aqui a intenção é apresentar uma síntese analítica dos principais pontos revelados por aquela experiência. Este texto, portanto, não é etnográfico, mas um exercício de leitura e sistematização crítica da etnografia já realizada, com base na escuta, nas observações e nos registros que compõem a pesquisa original. O que se segue é um compilado de achados organizados a partir de questões centrais que atravessaram o campo, acompanhados de breves análises que buscam evidenciar as complexidades, tensões e potências que marcaram a vivência de sapatonas e lésbicas em festas de paredão, no bairro de Pernambués, em Salvador. Para um mergulho mais profundo nos detalhes do campo, nas narrativas das interlocutoras e nos caminhos metodológicos trilhados, recomendo a leitura integral da dissertação, onde essas camadas ganham corpo e densidade.

Diante disso, destacarei e analisarei oito (8) pontos referente as lesbianidades, nas quais considerei como achados centrais do estudo. Inicio com a descoberta, já no trabalho de conclusão de curso da graduação, (1) das festas de paredão como um espaço de sociabilidade muito importante para lésbicas e sapatonas. Foi incrível perceber que as diferentes formas de opressão e até mesmo espaços ainda muito marcados por uma lógica masculina e heterossexual, podem até minar a nossas vivências, mas não são capazes de acabar com nossa existência. Compreender isso me possibilitou identificar um outro dado do estudo que se mostrou bem relevante e perpassa todas as etapas da elaboração da pesquisa, que é (2) o corpo da pesquisadora. Passei a compreender meu corpo preto, sapatão e moradora do bairro, enquanto parte constitutiva fundamental do campo: o adoecimento, o deslocamento, o afeto e o pertencimento foram atravessados pela experiência etnográfica, e não separados dela. O campo foi vivido também como solidão, angústia e desejo, reconhecendo as potências e limites do fazer etnográfico encarnado. Foi preciso escutar os limites do corpo, recalcular rotas e habitar um território que, ainda que familiar, se apresentava como território de descoberta.

Nesse movimento de (re)conhecer o campo a partir de uma escuta sensível e de uma presença implicada, tornou-se evidente que mulheres lésbicas e sapatonas se apropriam das festas de paredão como um espaço também possível de construção de afeto, pertencimento e construção de subjetividades. Mas os marcadores sociais — como raça, gênero, sexualidade,

classe e território — não ficam do lado de fora da festa. Eles organizam os encontros e produzem desigualdades mesmo dentro dos espaços lúdicos. A sociabilidade, portanto, não é neutra: ela é atravessada por disputas simbólicas, políticas e afetivas que impactam diretamente as formas como lésbicas e sapatonas habitam esses contextos. Isto é, essas mulheres não estão imunes a (3) violência estrutural e afetiva no campo da sociabilidade. Ainda que o estudo não tenha como foco central a violência, ela emerge como parte inescapável do cotidiano das interlocutoras, revelando o quanto a festa pode ser ao mesmo tempo lugar de prazer e de risco. Diante disso, eu recuso uma leitura romantizada das festas de paredão, apontando que, ao mesmo tempo em que funcionam como territórios de liberdade e prazer, esses eventos também operam sob regras, tensões e hierarquias de poder. Ou seja, significa que espaços de sociabilidade são lugares onde os marcadores sociais vão influenciar nos padrões de interação e na produção de hierarquias e identidades.

O estudo trilha uma perspectiva analítica diferente, buscando, sem ignorar as estruturas de opressão, lançar luz sobre as estratégias de resistências, os tipos de agenciamentos e burlas às estruturas de opressão, visando com isso contribuir também na visibilidade das narrativas, sociabilidades e trajetórias de mulheres lésbicas e sapatonas periféricas. O entendimento é de que nossas experiências não se resumem somente a coisas dolorosas, compartilhamos também de momentos alegres, como, por exemplo, curtir juntas as festas de paredão onde, mesmo sendo um espaço, como ja citado anteriormente, majoritariamente masculino e heterossexual, (4) as diferentes formas de agenciamentos entre elas possibilitam que as lesbianidades sejam celebradas, transformando a festa também em um momento de resistência e agência criativa. Diante disso, essas mulheres criam estratégias onde, mesmo suas presenças sendo atravessadas por negociações silenciosas, o corpo, a dança e o prazer atuam como formas de resistência e expressão identitária.

Algumas dessas estratégias de convivência foram muito bem pontuadas pelas interlocutoras durante nossos diálogos e revelou vários (5) processos de cuidados e proteção entre elas. O primeiro é o fato dos homens se aproveitarem da grande quantidade de pessoas para disfarçadamente encostar nas mulheres. Para evitar esse desconforto, as interlocutoras relatam que ficam sempre juntas e revezam uma atrás da outra enquanto dançam, principalmente quando são locais apertados. O segundo foi experienciado por mim e pela minha interlocutora, na festa de aniversário da cidade de Cachoeira (BA). Embora não fosse um evento de paredão, foi um momento que revelou uma outra estratégia importante, dessa vez uma técnica utilizada por ela e as amigas quando acontece algum confronto violento. Enquanto curtimos a festa, cantávamos e dançávamos, começou uma confusão que não dava

para entender de onde havia partido, no momento de medo e desespero eu tentei correr, quando fui interrompida por ela que me segurou e me colocou no canto até o tumulto se dispersar. O susto passou e ela começou a chamar minha atenção dizendo que em situações como aquela jamais eu deveria correr na mesma direção em que todos estavam indo, principalmente se for o mesmo sentido em que estava seguindo a confusão, pois eu correria o risco de ser atingida junto. Logo depois disso ela falou: "você acha que fazemos como quando tem alguma confusão no paredão? Não pode ficar moscando".

Uma outra estratégia de segurança citada foi: nunca aceitar bebidas de desconhecidos ou pessoas que não são tão próximas. O ideal é levar suas próprias bebidas ou o dinheiro para comprar no local, evitando assim ingerir substâncias desconhecidas e de modo inconsciente, que podem vulnerabilizar seus corpos. Em uma das minhas idas a campo, pude observar um grupo de mulheres sapatonas e que desconstroem ou constroem outro tipo de feminilidade diferente da convencionada e hegemônica, chegando na festa com uma garrafa de Uísque e, durante todo o momento em que estive presente, elas seguiram só consumindo a própria bebida que levaram. Uma das coisas importantes é estar sempre atenta no que está acontecendo ao redor, tarefa que é dividida entre cada uma do grupo garantindo com que todas possam aproveitar a festa sem precisar ficar o tempo todo vigilantes.

A pesquisa identificou que a (6) vivência lésbica nos paredões não se dá por meio de discursos explícitos, mas através de performances corporais, olhares, danças e interações que desafiam os padrões e boram os limites binários de gênero e a heteronormatividade. Sendo assim, (7) a dança se apresenta como um dos principais códigos eróticos e melhor forma de aproximação e interação entre as mulheres lésbicas e sapatonas, principalmente quando se pretende flertar com alguém. A dança, no contexto das festas aqui estudadas, quando relacionada às lesbianidades ganha outros contornos. Foi possível observar que mesmo existindo artistas e músicas que apresentam vivências parecidas com as nossas, enquanto mulheres pretas que se relacionam com mulheres, como a artista a Dama do Pagode, e algumas das suas músicas, como "Tcheca com Tcheca", identifiquei que não existe o interesse em transformar as festas representativas para nós. A pesquisa evidencia como raça, gênero, sexualidade, classe e território se cruzam para moldar as formas de inserção, resistência e invisibilidade das mulheres sapatonas nos paredões.

Músicas como, "Deixa eu botar meu boneco", de Oh Polêmico, "Bota Bota", de Oh Major ou "Vai preto gostoso" do Swing do T10, dominam a musicalidade do paredão e invadem as ruas mais próximas ao redor, sempre reforçando aquilo que a antropóloga Lélia **Gonzales** (1984) expõe ao fazer uma análise do racismo e sexismo na cultura brasileira,

deixando evidente como o processo violento da colonização enraizou na nossa sociedade a ideia de que: enquanto a mulher branca é aquela que serve para casar, a mulher negra é vista no lugar de objeto sexual e doméstico. Ou seja, "concubinagem tudo bem; mas casamento é demais" (**Gonzales**, 1984, p.229-230). Puxando as reflexões de Lélia um pouco mais para o campo da sexualidade e descentralizando-a da perspectiva heterossexual, eu acrescentaria que: aquela que é, a um só tempo, mulher, negra e sapatona, não serve nem para casar, nem para ser desejada. Como diria Audre **Lorde** (2020), nosso erótico é constantemente combatido, suprimido, pois representa uma ameaça às instituições heterossexuais e principalmente aos homens.

É assim que está difundido no imaginário social, por isso não existe uma preocupação em tornar as festas de paredão representativas para mulheres lésbicas e sapatonas que, mediante as poucas possibilidades de lazer, se adaptam ao contexto vivido. Contudo, é esse mesmo espaço de sociabilidade que dá condições para que essas mulheres encontrem uma brecha para potencializar suas sexualidades e o uso do seu erótico. Quando utilizo a ideia de erótico, neste contexto, relaciono-o diretamente com a dança, com o momento onde duas mulheres, através da fricção entre seus corpos e o ritmo da música, compartilham de sentimentos e sensações de prazer que independem da presença de homens. A intelectual, lésbica e feminista negra Audre **Lorde** chama atenção que:

> Quando falo do erótico, então, falo dele como uma afirmação da força vital das mulheres; daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e cuja aplicação agora reivindicamos em nossa linguagem, nossa história, nossa dança, nossos amores, nosso trabalho, nossas vidas (**Lorde**, 2020, p. 70).

Sendo assim, se de um lado as letras das músicas tocadas no paredão e até mesmo às expressões corporais reforçam a ideia que não pode haver possibilidades de prazer sem a presença de homens, por outro lado identificamos as mulheres lésbicas e sapatonas fazendo surgir uma nova cena dentro da cena, agora protagonizada por elas. E como eu mesma ponderei na dissertação, (8) a vivência lésbica e sapatona nos paredões quebra com a expectativa heterossexual de que em festas, sobretudo as que contam com músicas que impulsionam performances mais sensuais, como o pagode baiano, quando mulheres dançam elas estão sempre se insinuando e se mostrando disponíveis para os homens. Sugiro que as lesbianidades neste espaço de sociabilidade constituem uma subversão não verbalizada, expressa/ritmada nos movimentos corporais.

CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, foi possível evidenciar que, mesmo em espaços marcados por lógicas heteronormativas e masculinas, como as festas de paredão, mulheres lésbicas e sapatonas criam formas próprias de viver, resistir e desejar. Entre silêncios, danças, cuidados e negociações, essas mulheres reconfiguram os sentidos da festa, transformando-a em território de agenciamento, prazer e pertencimento. A presença delas rompe com expectativas normativas e faz emergir outras cenas possíveis — onde o erótico, o afeto e a existência sapatona se afirmam como política. Os achados aqui apresentados mostram que as lesbianidades vividas nas festas de paredão não cabem em leituras simplificadas. São atravessadas por risco, mas também por afeto. São atravessadas por hierarquias, mas também por cuidado coletivo. São marcadas por ausência de representação, mas também por reinvenção do erótico, pela presença de narrativas subversivas e por performances que recusam o desejo como algo que precisa ser dirigido aos homens.

Essa síntese não dá conta de toda a densidade da etnografia construída na dissertação, mas busca oferecer um olhar analítico sobre os principais tensionamentos que atravessam as experiências de mulheres lésbicas e sapatonas nos paredões. A festa, assim, não é só lazer. É também campo de disputa simbólica, de reinvenção das normas e de afirmação de existências muitas vezes apagadas. A partir de uma perspectiva epistêmica sapatona e feminista negra, o que se afirma aqui é a potência de nossas práticas, mesmo quando atravessadas por dor e resistência. Nos paredões, entre a batida, a dança e o risco, seguem existindo outras formas de ser, desejar e viver que desafiam os limites do que se espera de nós. E isso, por si só, já é revolução.

REFERÊNCIAS

CONDER. Painel de informações: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro/Sistema de informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia. (INFORMS- Organizador). 5ª ed. Salvador: CONDER/INFORMS, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento Para O Encontro De Especialistas Em Aspectos Da Discriminação Racial Relativos Ao Gênero. Estudos Feministas, 1/2002. p 171-188.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, Rio de Janeiro. 1984, p. 223-244.

LORDE, Audre. *Usos do erótico: o erótico como poder.* In: Audre Lorde, Irmã Outsider. Ensaio e Conferências, Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2020. Tradução: Stephanie Borges. Título original: Sister Outsider, 1978.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SOUSA, Elaine Borges. *"Eu danço para me divertir e não para dançar para eles": uma etnografia da sociabilidade de lésbicas e sapatonas em festas de paredões.* Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento. Cachoeira, BA, 2024.